

Recorte poético

VALÉRIO DE ANDRADE

Vinícius de Moraes, um Rapaz de Família — *Direção, Roteiro e Trilha Sonora: Susana Moraes. Fotografia: Pedro de Moraes. Montagem: Marta Luz. Som: José Sette e Walter Goulart. Produção: Vina Filmes. Distribuição: Embrafilme. Duração: 30m. 1984.*

A imagem que o espectador-leitor tem de Vinícius de Moraes é a do grande amante, de múltiplos amores, cercado de mulheres bonitas e de gente inteligente. Do intelectual brilhante que, no palco e nas entrevistas, ironizava, com humor diplomático, os donos do poder que o expulsaram do templo sagrado do Itamarati.

Alegre, bem humorado, charmoso, Vinícius espelhava com perfeição a idéia romantizada que o País tem de Ipanema. Afinal, foi daqui, de um dos bares de seu bairro, que surgiu a *Garota* que seria eternizada pelo poeta e consagrada na América por Frank Sinatra. À noite, sob os refletores, junto com o parceiro Toquinho, Vinícius, copo de uísque à mão, improvisava-se em cantor e encantava o público.

Esse mesmo público, provavelmente, ficará decepcionado ou chocado com a imagem do ídolo revivido

em *Vinícius — um Rapaz de Família*. O choque, é inevitável. Lá, na tela, não encontramos o mito — apenas o homem, desnudado pela câmera e pela desmitificação da intimidade. Não se pense, porém, que se trata de um filme *contra* Vinícius. Na verdade, o que desagrada, incomoda, não é o filme em si, é a realidade.

Na condição de filha, teria sido mais fácil para Suzana de Moraes realizar um documentário convencional, igual a tantos outros do gênero, exaltando a imagem heróica do mito e ocultando as fraquezas humanas. Logo de saída, ao surpreender Vinícius dormindo, após uma bebedeira, a câmera entra em conflito com a imagem que o espectador tem na cabeça. O que vemos, na tela, é a figura de um Vinícius envelhecido, bêbado ou de ressaca, falando com a gente como se estivesse numa mesa de bar, em fim de noite.

A estrutura cinematográfica de *Um Rapaz de Família* é informal, descozida, como se fosse um álbum fotográfico, com fotos do passado, cenas do presente, trechos de conversas, visitas aos amigos. Um retrato de corpo inteiro, corajoso e honesto. Corajoso porque, ao fugir ao tributo rotineiro, Suzana de Moraes mostrou algo que a gente sabe que existe mas prefere não ver. Honesto porque, em lugar da salvaguarda do mito, preferiu expor o lado humano de Vinícius, o pai, o amigo, o companheiro.

Vinícius certamente estaria sorrindo se soubesse que o perfil cinematográfico feito por Suzana andou agredindo a moral e os bons costumes. Afinal, sob esse aspecto, ele sempre foi um desajustado, um rebelde, que vivia a vida na plenitude da liberdade individual. Esse, o Vinícius que está no filme — um filme que não é um mero e incolor retrato 3x4.

VALÉRIO DE ANDRADE é crítico das revistas *Manchete* e *Fatos*

